

## **CULTURA E EDUCAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO QUE VIVE NA REGIÃO DO PANTANAL: EXPRESSÕES REVELADAS NA IMPRENSA – A REVISTA VEJA (1970 – 1980)**

### **RESUMO**

Resumo: Este trabalho analisa a representação da cultura na região do Pantanal presente na revista *Veja*, revista de circulação nacional, que se caracterizou como um importante veículo de comunicação para a população. Nossa pesquisa investiga a constituição dos sujeitos que vivem na região pantaneira, evidenciando como os mesmos se apropriam da cultura pela educação formal e não-formal. Para tanto, a revista *Veja* pode nos mostrar o dito e feito no cotidiano dessa população. A década de 1970 foi selecionada por se tratar do período da divisão do estado de Mato Grosso do Sul, considerando que em 11 de outubro de 1977, por lei complementar, o estado foi desmembrado do estado de Mato Grosso e a implantação do novo estado se deu em 1º de janeiro de 1979. O referencial da Psicologia Histórico-Cultural sustentou os fundamentos teórico-metodológicos desta investigação. Na década referida, há 573 edições da revista *Veja*, dessas edições foram encontradas 12 matérias sobre o Pantanal. Para a análise, selecionamos as quatro matérias que em seu conteúdo expressam, diretamente, o homem que vive nesta região. Após a coleta, a análise permitiu perceber que o homem, veiculado neste meio de divulgação, está intimamente ligado com a fauna e a flora. Assim, nas matérias, quando ele não é destruidor da beleza pantaneira, é um ser que reclama das cheias e secas.

Palavras-Chave: Cultura; Mídia Impressa; Constituição do Sujeito Pantaneiro.

**Palavras chave:** Direito. Família. Homoafetividade. Patrimônio.

## **CULTURE AND EDUCATION IN CONSTITUTION OF THE SUBJECT WHO LIVES IN PANTANAL REGION: EXPRESSIONS SHOWED IN THE MEDIA – THE VEJA MAGAZINE (1970-1980)**

### **ABSTRACT**

Abstract: This study analyzes the representation of the culture in Pantanal region, present in the *Veja* magazine, a magazine of national circulation, which characterized itself as an important vehicle of communication for the population. Our research investigates the constitution of the subjects who live in “pantaneira” region, showing like they appropriate of the culture, using formal and informal education. For that, the *Veja* magazine can show us what is said and what is done in the quotidian of this population. The decade of 1970 was chosen because it was the period of the division of the Mato Grosso do Sul State, considering that on October 11, 1977, for complementary law, this state was separated of Mato Grosso, and the implementation of the new state occurred on January 1, 1979. The Historical-Cultural Psychology was sustaining the theoretical and the methodological foundations of this research. In that decade, there are 573 editions of the magazine *Veja*, these editions were found 12 articles on the Pantanal. For the analysis, we selected the four texts that expressed in its content directly, the man who lives in this region. After collection, the analysis allowed to realize that man, showed in this media, is closely connected with the fauna and flora. Thus, in the field when he is not destroying the beauty of the Pantanal, a being who complains of floods and droughts.

**Keywords:** Culture; Print Media; Constitution of Pantaneiro Subject.

**EDDINE, Eder Ahmad Charaf**

Professor Assistente da Universidade Federal do Tocantins - UFT.  
Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.

**URT, Sonia da Cunha**

Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicologia e Educação – GEPPE.

## INTRODUÇÃO

A investigação está relacionada à pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano”, financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT/MS, que investiga a constituição dos sujeitos que vivem na região pantaneira, evidenciando a educação expressa em seu fazer. Busca-se revelar a constituição dos sujeitos pantaneiros, destacando a forma como produzem sua existência material e como se apropriam da cultura pela educação formal e não-formal.

Nosso recorte é inventariar e analisar reportagens sobre o homem que vive na região do pantanal e sua educação, divulgadas em alguns meios de comunicação impressa. Para tanto utilizamos a revista *Veja*, revista de circulação nacional, que se caracterizou como um importante veículo de comunicação para a população. A década de 1970 foi selecionada por se tratar da década de divisão do estado de Mato Grosso em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

As matérias selecionadas para este trabalho são: A luta para fabricar bois de 10 de outubro de 1973; As enchentes dão e tiram de 15 de maio de 1974; Os bichos do Pantanal de 21 de maio de 1975 e Um paraíso ecológico de 13 de junho de 1979. Essas quatro matérias foram selecionadas por conter, em seu conteúdo, o sujeito que vive na região do pantanal, mesmo, este, não sendo o foco principal da matéria. Ao fazer o recorte da década de 1970, percebemos que o pantanal era visto como algo a ser explorado economicamente, até mesmo preservado, contudo não há menção ao sujeito que vive no pantanal.

A maior parte dos estudos realizados sobre o pantanal sul-mato-grossense tem privilegiado como objeto de investigação a fauna e a flora da região (CARUZO, 2002). Estudos mais recentes sobre a região pantaneira evidenciam essencialmente a figura do homem para a compreensão desse ecossistema, contudo, esses trabalhos ainda são escassos.

Segundo Caruso (2002, p. 09) “tiranicamente, fauna e flora dominam, sufocando qualquer lembrança para além delas mesmas. Pantanal é mata e bichos, brejos e peixes, rios e aves. O homem, no entanto, quando é lembrado, é apenas vilão”. Percebe-se que a figura do homem na região do pantanal é importante na constituição desse ecossistema, contudo são recentes as pesquisas sobre o homem pantaneiro.

Analisaremos as reportagens a partir do referencial Histórico-Cultural, que considera que a cultura e a identidade são criações históricas e coletivas, que o indivíduo vai interagindo nos contextos sociais durante sua vida e internaliza os conteúdos que foram desenvolvidos na história e na cultura da sociedade. Nesse movimento, nas experiências vivenciadas no dia-a-dia, dá-se a apropriação do saber e do fazer da sociedade, determinantes do modo de ser, pensar e agir das pessoas.

Dessa forma, cabe investir na desmistificação das diferenças culturais, trazendo à tona aquelas construídas historicamente pelas estratégias do capital. A cultura, considerada como processo que vai além das aparências, deve revelar as causas reais dos fenômenos sociais e políticos, contemplando as determinações da economia e da sociedade.

É através da educação que o homem se apropria da

cultura e dos bens disponíveis pela humanidade. Compreender o homem pantaneiro implica, portanto, em apreender as formas de apropriação da cultura, seja no espaço da educação formal ou não – formal.

O indivíduo ao mesmo tempo que internaliza as formas culturais, transforma-as e intervém em seu meio. Dessa maneira, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura.

Assim, entender o processo de subjetivação do sujeito pantaneiro expresso nas reportagens é uma forma de saber o que a sociedade divulga sobre este homem, ou até mesmo sobre o pantanal.

## HOMEM E CULTURA NA REGIÃO DO PANTANAL

Segundo Nogueira (1990, p. 11) “o Pantanal, [...] é por força da Constituição Federativa do Brasil/1988, Artigo 225, um Patrimônio Nacional. Ao mesmo tempo que é um patrimônio ambiental, é um patrimônio cultural, que os brasileiros precisam conhecer para aprender a defender”. É um lugar, que abrange mais de um país e mais de um estado da federação. Com seus aproximadamente 140.000 km<sup>2</sup> de extensão, só em território brasileiro ocupa área de dois estados da região Centro-Oeste, Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS), exatamente a Sudoeste dos mesmos.

Pantanal, neste contexto, não significa pântano, lamaçal, lodo, como se pode pensar à primeira vista. Pantanal é a “denominação que se dá a um habitat úmido, ou melhor, a uma considerável superfície banhada pelo complexo hidrográfico formado por centenas de rios que nascem nos planaltos adjacentes, deságuam no rio Paraguai e lhe dão uma fisionomia especial” (NOGUEIRA, 1990, p. 12)

Nas palavras de Nogueira (1990, p. 13) o “homem pantaneiro, entenda-se, aqui, o elemento nativo do Pantanal ou aquele que nele vive há mais de vinte anos, compartilhando hábitos e costumes típicos da região”.

Para Leite (2003) deve-se haver um cuidado em relação à utilização do termo homem pantaneiro. Para o autor:

*Uma série de categorias, ou grupos sociais, diferentes entre si que, por viverem no Pantanal, podem ser incluídas genericamente nesta expressão. Mas, é conveniente reter que há diferenças internas que vão caracterizá-las como categorias diferentes. Muitas vezes, há disputa, entre grupos, pela auto-legitimidade deste termo-identidade. Aqui entende-se, [...], homens e mulheres que vivem no Pantanal. Muito mais que uma categoria metonímica do espaço do que social. (LEITE, 2003, p.24-25)*

Para entender este homem, que é singular e ao mesmo tempo universal é preciso pensar que as características singulares estão contidas no universal e o contrário também. Para Alves (2003, p. 28) “se o singular é a forma singular de realização do universal, só iluminado pelo universal e através dele pode conter elementos que contribuam para cimentar a identidade entre os povos”. Assim, para Alves (2003)

*Todas as diferenças realçadas são mais de grau; não são diferenças qualitativas. As especificidades das diferenças nações latino-americanas e mesmo de distintas regiões brasileiras, dessa forma, não são excludentes. Tais especificidades não são intrínsecas nem as nações nem às regiões, pois são especificidades determinadas pelo capital. Extrapolam, portanto, Mato Grosso do Sul, o Brasil e as demais nações latino-americanas. São essencialmente universais. Só assim pode ser tratada, conseqüentemente, a questão de nossas especificidades culturais; só nesse sentido, e exclusivamente nesse sentido, podemos falar em especificidades culturais. (ALVES, 2003, p. 26)*

As especificidades da região pantaneira subordinam-se à unidade cultural, “pois o singular é sempre uma forma de realização do universal” (ALVES, 2003, p. 28).

Em seus estudos Leontiev (2004) rompe com a idéia de que o homem é um ser biológico, ou seja, de que suas habilidades e comportamentos são derivados apenas do código genético. O autor mostra o processo de passagem da evolução dos animais ao homem e como este deixa de estar submetido às leis biológicas e passa a se submeter às leis sócio-históricas.

Segundo Leontiev (2004) as características humanas só aparecem com a sociedade humana, os fenômenos externos da cultura material e intelectual. Esta nova forma de transmissão às gerações seguintes seria através da atividade humana: o trabalho.

Para o autor a atividade é um conceito-chave na concepção histórico-cultural, é ela que mediatiza a relação entre o homem e a realidade objetiva, pela sua atividade. O homem põe-se em contato com os objetos e fenômenos do mundo circundante, atua sobre eles e transforma-os, transformando também a si mesmo. É dessa forma que os homens transformam a natureza em cultura e transformam-se a si próprios em seres culturais.

*Pela sua atividade, os homens não fazem, senão, adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. (LEONTIEV, 2004, p. 283)*

Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte. (LEONTIEV, 2004)

Deste modo, vemos que as aptidões e características humanas não são transmitidas por hereditariedade biológica, mas são adquiridas através da apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes. O homem é um ser histórico-social ou, mais

abrangentemente, um ser histórico-cultural, ele é moldado pela cultura que ele próprio cria.

O homem carrega marcas de uma cultura, inserido em uma sociedade, relata formas de ver o mundo, de compreender a realidade, são estas realidades que compõem o ser no mundo, a sua identidade. Identidade esta, mutável e que sofre metamorfoses (CIAMPA, 1989).

Utilizaremos em nossos estudos o conceito de identidade proposto por Ciampa (1989; 2007), que a considera “[...] como uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una.” (CIAMPA, 1989, p. 61). Para o autor, são as diferenças e igualdades que formam a identidade e que nos transmite a primeira noção de identidade.

E assim, na convivência com o social, Ciampa (1989, p. 63) entende que “[...] vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte [...]” e acrescenta,

*O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc. (CIAMPA, 1989, p. 64).*

Conforme posto, entendemos a identidade tanto no aspecto individual, quanto no aspecto coletivo. Ao propormos, portanto, o estudo de relatos de histórias de vida, estamos tentando buscar esta identidade, que é social e histórica, posta pelas contradições e de acordo com Ciampa (2007, p. 34) “é o sentido da atividade social que metamorfoseia o real e cada uma das pessoas”. O autor adota as expressões “unidade na multiplicidade” e “metamorfose” ao analisar a identidade. Percebe-se então que a identidade é construída numa relação contrastiva, contraditória e, assim, os sujeitos são dinâmicos não-cristalizados.

Compreendemos que a atividade e a identidade não se dissociam, pois “daí que a vida, a liberdade, o trabalho, nunca são dados naturalmente; uma identidade humana é sempre negação do que nega.” (CIAMPA, 2007, p. 35).

Vai-se, assim, configurando identidades em diversos meios e que a influência do capitalismo interfere nas ações e relações humanas, assim para Ciampa:

*O fato de vivermos sob o capitalismo e a complexidade crescente da sociedade moderna impedem-nos de ser verdadeiramente sujeitos. A tendência geral do capitalismo é constituir o homem como mero suporte do capital, que o determina, negando-o enquanto homem, já que se torna algo coisificado [...]. (1989, p. 72).*

O capitalismo reduz o homem a coisa e, para isso, padroniza e unifica tudo a sua volta e, em especial, a cultura. Então, compreender o capitalismo e suas influências na produção identitária do sujeito também é parte do estudo, pois a identidade é “como um fenômeno que deriva da dialética entre indivíduo e sociedade”. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 230). Assim, como já fora dito, a identidade é uma construção sócio-histórico-cultural

que pode ser constantemente remodeladas pelas relações sociais. Sociedade esta capitalista.

Assim, cada indivíduo aprende a ser homem. O que a natureza dá ao indivíduo quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É preciso que ele adquirira o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana. (LEONTIEV, 2004)

Através do trabalho os homens passam às gerações seguintes aquilo que criaram e assim sucessivamente, com isso diferenciam-se dos animais que não guardam seus instrumentos e não os transmite para outras gerações. Portanto, o desenvolvimento da humanidade só é possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, através da educação.

## METODOLOGIA

O levantamento foi feito da revista Veja, a partir do sítio <<http://veja.abril.com.br/index.shtml>>, que disponibiliza todas as edições da revista e um sistema de busca por palavras. Levantamos os anos de 1970 até 1980, que compreende da edição número 70 até a edição 643, totalizado 573 edições pesquisadas. No sistema de busca utilizamos como descritores as palavras: homem pantaneiro, pantaneiros, pantanal e cheias pantaneiras. Foram encontradas 12 matérias que apresentam o Pantanal, dessas selecionamos quatro matérias, por apresentar explicitamente o sujeito que vive nessa região.

Apresentaremos um quadro contendo a edição, a data, página e título das 15 matérias encontradas.

Quadro I: Matérias encontradas entre os anos de 1970 e 1980

Edição	Data	Títulos	Páginas
Edição 266	10 de outubro de 1973	A luta para fabricar bois	66-72
Edição 297	15 de maio de 1974	As enchentes dão e tiram	24-26
Edição 350	21 de maio de 1975	Os bichos do Pantanal	44-54
Edição 386	28 de janeiro de 1976	Ainda para bichos	54
Edição 401	12 de maio de 1976	Longe de tudo	50
Edição 452	04 de maio de 1977	A divisão de Mato Grosso	62-68
Edição 496	08 de março de 1978	O vale-tudo de um novo Estado	44-52
Edição 534	29 de novembro de 1978	Teoria dos jacarés	55-56
Edição 539	03 de janeiro de 1979	A riqueza do Pantanal	68-73
Edição 562	13 de junho 1979	Um paraíso ecológico	59-60
Edição 562	13 de junho de 1979	Dilúvio no Pantanal	54-59
Edição 577	26 de setembro de 1979	Paraíso de pescadores	58-61

Fonte: EDDINE (2010).

O quadro abaixo coloca as matérias selecionadas para análise em ordem de datas para melhor visualização, e separa em edição, data, páginas, seção e o título da matéria.

Quadro II: Matérias selecionadas para análise

Edição	Data	Páginas	Seção	Título da matéria
Edição 266	10 de outubro de 1973	66-72	Especial	A luta para fabricar bois
Edição 297	15 de maio de 1974	24-26	-	As enchentes dão e tiram
Edição 350	21 de maio de 1975	44-54	Ambiente	Os bichos do Pantanal
Edição 562	13 de junho 1979	59-60	-	Um paraíso ecológico

Fonte: EDDINE (2010).

Abaixo descreveremos as matérias e faremos algumas análises.

## FÁBRICA DE BOIS

Em 1973 há uma matéria na seção Especial que retrata a exploração de gado, principalmente na região do Pantanal. Inicia relatando casos de fazendeiros promissores que começaram suas criações na década de 1930. A matéria relata que o Pantanal é viável na criação de gado, relata que a expansão para a região da Amazonas é algo que começa no Pantanal, subindo ao norte do Mato Grosso.

Percebemos que o pantaneiro é inexistente nesta matéria, só uma menção ao boiadeiro, que é relatado como “uma gente muito dada a exageros” (ALUTA..., 1973, p. 66).

Bem, essa expansão também é parte do Pantanal, que tem em sua história a criação de gado, Nogueira (2002) relata a cultura do pantaneiro como um homem que cria gado, que tem em sua formação o laço, as botas e o berrante.

Compreendemos que falar da região pantaneira e não falar do homem pantaneiro “seria como, ao se falar sobre um rio, esquecer-se de mencionar suas águas” (NOGUEIRA, 1990, p. 59).

Para Nogueira (1990, p. 61), “o autentico vaqueiro do Pantanal, seja mestiço, bugre, paraguaio ou seu descendente, analfabeto ou semi-alfabetizado, é competente na profissão de vaqueiro: hábil condutor de boiadas”, percebemos que falar em gado, principalmente na região tratada aqui e não falar no pantaneiro é não valorizar a região., Isso é visto na matéria que considera que o maior investimento na região vem de fazendeiros paulistas e não os nativos, relata que vem junto com os “novos fazendeiros” funcionários especializados de outro estado, com renda muito superior ao dos pantaneiros.

Nas figuras da matéria existe a expressão do boiadeiro, na página 68 (A LUTA..., 1973) da reportagem encontra-se três fotos, uma é de um homem cortando uma árvore, que possivelmente é um desmatamento para a criação de gado. Na página 69 há uma figura com quatro boiadeiros observando uma queimada.

Percebemos que o homem é tratado como o desbravador, o destruidor para criar gado. Nas fotos há uma associação do homem próxima a natureza sendo destruída, destruição provocada pelo homem que ali reside.

## CHEIAS PANTANEIRAS

Na reportagem que mais fala do homem pantaneiro é que ele é visto como desinteressado na mudança e queixoso. É uma reportagem sobre o gado, sobre a consequência das cheias que acontecem anualmente no Pantanal. Também abordam a febre aftosa, colocando o pantaneiro como desinteressado na vacina, “O maior problema, porém, será a própria febre aftosa. [...] E não há condições de vacinação, pois os rebanhos estão isolados, além de não existir vacina suficiente e o pantaneiro não dar muita importância ao problema.” (AS ENCHENTES..., 1974, p. 24, grifos nosso).

As cheias são vistas como algo necessário pelo pantaneiro, este só pede aos governadores uma infraestrutura que auxilie na produção de gado e que não tenha muito prejuízo.

*Para o pantaneiro, o que a região precisa é apenas de maior assistência governamental para enfrentar as cheias mais violentas e esporádicas, pois, sem as menores, que ocorrem todos os anos, o Pantanal seria “uma terra de areia imprestável” [...](AS ENCHENTES..., p. 24, 1974, grifos do autor)*

O autor da matéria relata que “o homem do pantanal pede principalmente estradas, represas e conseqüente regularização do curso dos rios” (AS ENCHENTES..., 1974, p. 24), aqui fica claro o que já salientamos acima, que o pantaneiro, neste momento da história, precisa de infraestrutura para trabalhar com a terra e que os governantes olhem para as pessoas que vivem nesta região.

Na matéria, o homem pantaneiro precisa criar uma mudança de hábito, pois, “acostumados a largar o gado no campo, sem cercas e sem manejo de pastagem, aproveitando ao máximo os 75% de pasto nativo da região” (AS ENCHENTES..., 1974, p. 24), o Programa Especial de Desenvolvimento do Pantanal, do presidente Ernesto Geisel de 1974/76, visava contribuir para o aumento da produção de gado e infraestrutura para diminuir os prejuízos que as cheias causavam.

No final da matéria coloca o pantaneiro como queixoso, que gosta de reclamar de tudo, aquele que reclama até para receber dinheiro “o pecuarista pantaneiro é conhecido por sua facilidade para queixar-se.” (AS ENCHENTES..., 1974, p. 26). Relata um ditado popular que diz que o pantaneiro ao receber em notas novas de dinheiro vai reclamar porque elas grudam uma na outra.

Nesta matéria percebemos que o pantaneiro é um sujeito que se queixa facilmente, queixosos de tudo, das cheias, das secas, da falta de estrutura. Como disse a matéria, reclama até do salário.

## BICHOS DO MATO, MATOGROSSENCE PANTANEIRO

Uma matéria que relata as aventuras de um sueco naturalista Arne Sucksdorff, que em oito anos tirou 50 000 slides e selecionou 127 em uma exposição no mês de maio de 1975 no Hotel Nacional, em Brasília – DF.

Na matéria o homem pantaneiro é visto como um caçador, não só aquele que impede o crescimento da flora e

da fauna, mas o que “demonstram tão elogioso respeito” (OS BICHOS..., 1975, p. 52) para com o Pantanal, como alimento o “os homens do Pantanal prefere os porcos-banguás ou porcos-monteiros” (OS BICHOS..., 1975, p. 52), que eram “originalmente caseiros” (OS BICHOS..., 1975, p. 52), contudo acrescentando que se “os vaqueiros ainda insistem em matá-los e saborear sua carne, é possivelmente porque não os consideram, na verdade, animais selvagens” (OS BICHOS..., 1975, p. 52). Há também os “solitários caçadores prontos para destruir essa harmoniosa sinfonia natural” (OS BICHOS..., 1975, p. 52), esses, segundo a matéria o homem pantaneiro caça animais selvagens e as onças (pintadas e pardas), pois elas matam o gado.

Aqui o homem pantaneiro é visto como o protetor do Pantanal, o que protege sua casa, contudo, existe também àquele que “solitário caçador” (OS BICHOS..., 1975, p. 52), que caçam por dinheiro e, até mesmo, por diversão.

## A POPULAÇÃO DO PANTANAL

Na matéria Um paraíso ecológico (1979) relata que as cheias são necessárias para a flora e fauna do Pantanal, que “quando termina o ciclo das cheias, a água escorre para outras paragens, mas o mingau de detritos já se depositou no terreno. Desse humo, chamado pelos pantaneiros de 'terra vegetal', explodem então capim luxurioso, arbustos e flores raras” (p. 59, grifos do autor). Relata que se não fosse a cheia esses arbustos e flores raras jamais poderia brotar do terreno arenoso do Pantanal.

A linguagem do pantaneiro é lembrada no trecho acima. O pantaneiro denomina àquilo que lhe é cotidiano. Há uma linguagem própria da região, é pela linguagem que os sujeitos transmitem sua cultura, que forma relações sociais, que se constitui.

A matéria relata que “[...] as fazendas nem sempre afetam o equilíbrio do que é do que é hoje considerado como um verdadeiro 'santuário ecológico' (UM PARAÍSO...1979, p. 59). Exemplifica a afirmação com a experiência da Fazenda Santo Antônio do Paraíso na divisa de Mato Grosso com Mato Grosso do Sul, onde a caça é determinadamente proibida.

*“Aqui não se manta nem cobra”, garante o gerente da fazenda. Alberto Silva César, 49 anos, que nesse caso não está produzindo mera frase de efeito. Em noite recente, por exemplo, a sede da fazenda ficou subitamente às escuras porque, como se constatou mais tarde, uma suçuri de 3 metros havia penetrado pela tubulação do gerador de eletricidade, fechando praticamente a passagem da água e impedindo o funcionamento do aparelho. A dificuldade acabou sendo localizada e a suçuri, como manda a regra da fazenda Santo Antônio, foi simplesmente espantada para o mato. (UM PARAÍSO..., 1979, p. 59, grifos do autor)*

Continua relatando que os jacarés saem da lagoa para abocanhar patos e gansos bem na frente da casa. A fazenda relatada não é única, a matéria traz o relato de um gerente que cuida de oito propriedades dentro do Pantanal de um mesmo dono. O gerente conhece cada palmo do

Pantanal (UM PARAÍSO..., 1979), e em suas observações os animais como antas e ariranhas estão um pouco mais escassos e que até o jacaré está ficando mais raro, pois é um animal muito visível.

A matéria relata o tráfico de couro de animais, que “embora realizado em escala rústica, o comércio de peles já desfruta de alguma organização” e diz que “pior que o caso das araras é a caça ao couro de jacaré, do qual se aproveitam apenas as laterais do troco – o 'colete', como dizem os pantaneiros” (UM PARAÍSO..., 1979, p. 60).

A matéria conclui que:

*E não só os fazendeiros se preocupam com a natureza. Os cinco hotéis turísticos espalhados pelo Pantanal prometem pesca abundante a seus hóspedes. Cumprem religiosamente a promessa – mas não fornece redes, tarrafas de grande envergadura ou qualquer outro equipamento predatório. (UM PARAÍSO..., 1979, p. 60).*

Na matéria há ao mesmo tempo um homem destruidor do Pantanal e um homem que vive harmoniosamente com a natureza, neste caso o que mora no Pantanal. Nogueira (1990, p. 28) relata que “[...] um dos traços relevantes da cultura pantaneira é o convívio harmonioso entre homem e natureza”. Destacamos que há um homem destruidor porque constantemente a matéria fala que são dois proprietários de terras, os fazendeiros, e cinco hotéis, e que a população do Pantanal está em declínio, dizendo que: “Mas a variada população do Pantanal, que inclui espécimes raros, como o cervo ou tuiuiú – uma ave branca, vermelha e preta de mais de 1 metro de altura –, começa aparentemente a dar certos sinais de declínio” (UM PARAÍSO..., 1979, p. 60).

## ANÁLISE E RESULTADOS

Atualmente, percebe-se uma influência direta dos meios de comunicação de massa sobre seus destinatários, cuja linguagem pode interferir no seu comportamento social e ampliar seu conhecimento de mundo, de acordo com Leontiev (2004, p. 285) “cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade.” (grifo do autor)

Assim, percebemos que o meio de comunicação transmite o conhecimento produzido em sociedade, que mostra o que a sociedade está retratando como homem pantaneiro. Quando aprende a ser homem, aprende também a ser um pantaneiro.

Percebemos a importância de estudar este tipo de veículo de comunicação impresso, porque ele coloca o que se pensava do homem pantaneiro.

O homem pantaneiro é quase que inexistente, quando o Pantanal é descrito, colocam-no como algo a ser explorado economicamente, a partir da produção de gado e exportação da carne. O pantaneiro é visto como um investidor e destruidor do pantanal.

Nas matérias o gado e o Pantanal parecem ser algo inseparável e o animal pantaneiro é mais valorizado que o homem, assim como o gado é atividade do homem pantaneiro. “Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza” (LEONTIEV, 2004, p. 283).

A atividade principal do pantaneiro é a criação de gado e seu transporte, transporte não só para o abate, mas também para a região mais alta na época de cheia.

O pantaneiro é um boiadeiro que ao nascer, nasce “num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes” (LEONTIEV, 2004, p. 284).

Nasce nesse mundo de criação de gado, de vaqueiro, de boiadeiro, que tem nessa atividade sua profissão, sua formação de homem.

Essa atividade é alvo de duas matérias, mas na reportagem é o gado o foco, o homem está como um coadjuvante e não como o criador, ou seja, o que vai dar valor ao gado.

Na matéria Um paraíso ecológico (1979) temos uma pequena exceção, pois ao relatar sobre a fauna que está em extinção relata também de duas fazendas que preservam a fauna, traz relatos dos gerentes dessas propriedades.

## CONSIDERAÇÕES

Em nosso trabalho percebemos que o homem que vive na região do Pantanal entre os anos de 1970 e 1980 era um homem que estava em processo de adaptação ao meio, desmatando, construindo, conservando e criando linguagens, ou seja, se configurando como um pantaneiro. Na pesquisa, aparece como um sujeito “reclamão por natureza”, que reclama de tudo, mas também trabalha, que na atividade de boiadeiro, aquele que carrega o boi de um lugar a outro atravessando lugares ilhados é um herói, um sujeito que tem hábitos criados pela lida no campo.

O homem pantaneiro não é o foco das matérias, aparece somente para ilustrar algo que acontece no pantanal, seja como caçador ou como criador de gado.

Pelos títulos da matéria o Pantanal é algo a ser explorado economicamente e que era valorizado sua fauna e flora. O pantaneiro é algo quase inexistente e quando é lembrado é destacado como aquele desinteressado e queixoso.

Sua identidade é formada a partir de sua relação com o outro e com sua atividade, então, pelas matérias analisadas compreendemos que é um sujeito queixoso, destruidor para fazer pastagens e plantar, uma questão de sobrevivência, mas não faz desordenadamente e inconseqüentemente, há um desejo de preservação e cuidado com seu habitat, um conhecedor do Pantanal, que lhe dá a beleza e o sustento. Um sujeito que se forma na natureza.

A educação formal desses sujeitos não é explorada em nenhuma matéria estudada, há pouco também sobre a educação não-formal. Salientamos que o sujeito que habita um paraíso ecológico que é o pantanal é um sujeito singular e universal, que ao garantir seu sustento vai explorar a terra e o pasto, vai plantar e vai se adaptar às cheias vai caçar e matar animais selvagens. Por tudo isso é um sujeito que precisa ser estudado para saber como ele se constitui e como se dá sua educação.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto L. (2003) O universal e o singular: em discussão a abordagem científica do regional. In: ALVES, G. L. Mato Grosso do Sul: o universal e o singular. Campo Grande, MS: Editora Uniderp.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. (1985) A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes.

CARUSO, Pedro. (2002) Prefácio. In: NOGUEIRA, Albana Xavier. Pantanal: homem e cultura. Campo Grande: UFMS.

CIAMPA, Antonio da C. (1989) Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.) O Homem em Movimento. 5. ed. São Paulo: Brasiliense.

CIAMPA, Antonio da C. (2007) A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense.

LEITE, Mário Cezar Silva. (2003) Águas Encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagem e mitos do Pantanal. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações.

LEONTIEV, Alexis. (2004) O homem e a cultura. In: \_\_\_\_\_. O desenvolvimento do psiquismo. 2. ed. São Paulo: Centauro.

NOGUEIRA, Albana Xavier. (2002) Pantanal: homem e cultura. Campo Grande: UFMS.

NOGUEIRA, Albana Xavier. (1990) O que é Pantanal. São Paulo: Brasiliense.

## FONTES PESQUISADAS

AINDA para bichos (1976) Veja, São Paulo, n.386, p. 54, 28 jan.

A LUTA para fabricar bois. (1973) Veja, São Paulo, n. 266, p. 66-72, 10 out.

A DIVISÃO de Mato Grosso (1977) Veja, São Paulo, n. 452, p. 62-68, 04 maio.

A RIQUEZA do Pantanal (1979) Veja, São Paulo, n.539, p. 68-73, 03 jan.

AS ENCHENTES dão e tiram. (1974) Veja, São Paulo, n. 297, p. 24-26, 15 maio.

DILÚVIO no Pantanal (1979) Veja, São Paulo, n.562, p. 54-59, 13 jun.

FRUET, L. H. (1979) Paraíso de pescadores. Veja, São Paulo, n.577, 26 set.

HASSE, G. (1978) O vale-tudo de um novo Estado. Veja, São Paulo, n. 496, p. 44-52, 8 mar.

LONGE de tudo (1976) Veja, São Paulo, n. 401, p. 50, 12 maio.

OS BICHOS do Pantanal. (1975) Veja, São Paulo, n. 350, p. 44-54, 21 maio.

TEORIA dos jacarés (1978) Veja, São Paulo, n.534, p. 55-56, 29 nov.

UM PARAÍSO ecológico. (1979) Veja. São Paulo, n. 562, p. 59-60, 13 jun.

---